

A família ficou **para trás**

A estrutura familiar brasileira mudou. A população está envelhecendo, a mulher assumiu o controle e já não sonha em ser mãe. Para quem não aceita a mudança, só resta a nostalgia

ANA LUIZA CARDOSO

Numa tarde de outono, três idosos esperavam por uma ligação no pátio de um asilo em Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro. A cada toque do telefone, eles olhavam para a enfermeira que, como uma sorteadora de bingo, anunciava exaltante quem atenderia ao telefonema. Nati Georgiadis, de 86 anos, sacudia os pés e brincava com uma mecha do cabelo enquanto esperava. Há dias não recebia recados do filho ou da nora. “Devem estar viajando”, disse, arrancando suspiros dos dois colegas sentados ao lado.

Nati virou um personagem da nova estrutura da família brasileira. Ela é viúva, sem netos e não mora com o único filho. Ele não tem tempo para cuidar dela e viaja frequentemente. Ela decidiu se mudar para uma casa de repouso depois da morte do marido, em 2012. Preferia morar com estranhos a morar sozinha.

Nati nasceu em Pamplona, na Espanha. Acompanhou de perto a Guerra Civil Espanhola, nos anos 1930 e a Segunda Guerra Mundial, nos anos 1940. Com frequência, lembra da família na Europa e dos irmãos mais novos se escondendo pela



A população brasileira está envelhecendo e cada dia abrem-se mais casas de repouso

casa. Veio para o Brasil com o marido à procura de trabalho, uma década depois. Morou em São Paulo por quase 30 anos. Nas férias, viajava de carro com a família. Gostava de passar os fins de semana numa fazenda com o marido e o filho, no interior do estado. Organizava festas de fim de ano, reunia os amigos.

Hoje, na casa de repouso, ela acorda todos os dias às seis da manhã para tomar café. Assiste às aulas de yoga, dança de salão e artesanato. Gosta de ler, ver televisão e fazer caminhadas. Evita sair porque ouviu dizer que a cidade está muito violenta. O filho e a nora a visitam quando podem, segundo ela. “Ele viaja muito pelo país. Neste instante está trabalhando em Tocantins”, diz.

A agenda cheia não a afasta das lembranças do passado. Ao falar do marido e do filho, sorri, olha para as unhas, desconversa. Ela sente saudades da casa em que morava e da família que a acompanhou por toda a vida. O convívio, a conversa na mesa de jantar. Quando era jovem, a família mantinha o idoso em casa. Ele era uma figura de autoridade no lar.

O envelhecimento da população gerou um aumento na busca por casas de repouso. Este é um dos fatores para a mudança nas fotos de família. A estimativa é que o número de brasileiros acima de 65 anos se quadruplique até 2060. Segundo o IBGE, a população com essa faixa etária deve passar de 14,9 milhões, em 2013, para 58,4 milhões, em 2060. A maior participação da



Até 2060 o número de brasileiros com mais de 65 anos deve quadruplicar

mulher no mercado de trabalho e as baixas taxas de fecundidade também influenciaram a mudança.

É o fim da família tradicional?

A formação tradicional da família está com os dias contados. Casais sem filhos, pessoas morando sozinhas, casais gays, mães solteiras, pais solteiros, amigos morando juntos, netos com avós, irmãos e irmãs e famílias com filhos de diferentes casamentos ganharam mais espaço. No total, existem 19 laços de parentesco na estrutura familiar brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. Em 2000, havia 11 laços. Os novos lares somam 28,647 milhões, 28.737 a mais que a formação clássica.

O benefício da transformação das famílias é a aceitação à diversidade. Há 50 anos, uma mulher divorciada ou solteira era

mal vista, sofria preconceitos. As uniões homossexuais também são mais aceitas. Por outro lado, a flexibilização de regras e formatos dentro de casa enfraqueceram a influência que os pais têm sobre os filhos, segundo a psicóloga e psicoterapeuta Rosângela Teles.

Há quem insista em querer viver de passado. A formação da família tradicional proporcionava a sensação de segurança e acolhimento. Em asilos, esse distanciamento é um dos principais causadores de nostalgia.

O primeiro contato que os idosos têm com a nostalgia ocorre durante a aposentadoria. A renda familiar é reduzida e os projetos são deixados de lado. Depois, eles enfrentam as consequências do tempo. Necessitam de ajuda para as tarefas do lar. Não conseguem limpar a casa, cozinhar e se tornam dependentes dos familiares. O momento de maior impacto para o idoso

ocorre quando ele se afasta do convívio com os filhos e netos, diz a diretora da casa de repouso Vila do Sol, Cristina Abdalla.

Os idosos estranham os novos laços e fazem questão de recordar dos “bons e velhos tempos”, segundo Cristina. Para contornar o quadro nostálgico, ela investe no presente. Organiza festas natalinas, bailes e encontros entre os hóspedes – como são chamados os moradores do asilo. Colaborou na criação de um jornal interno para que eles possam trabalhar e produzir reportagens.

“Nós precisamos ocupá-los. Eles precisam encontrar a felicidade na velhice também. Se insistirem no passado, entrarão num quadro depressivo e melancólico. Na idade deles, é altamente perigoso”, diz Cristina. “É fundamental que eles se sintam parte desse novo contexto”, completa.

A nostalgia remete a um momento do passado e impede a obtenção do prazer durante novas experiências. De acordo com a psicóloga Nádia D’ Avei-

ro, uma das consequências da nostalgia é o aprisionamento a padrões de vida antigos.

“O conceito de família não existe mais. A família pode ser a empregada doméstica, os professores, amigos. A família celular, mais conhecida como a tradicional, foi enfraquecida”, diz.

Ainda segundo a psicóloga, as novas gerações não viverão mais o conceito de família. Uma das implicações desses novos modelos é o enfraquecimento das regras e princípios. “Antigamente, obedecíamos às regras de casa e elas se estendiam às ruas”, complementa.

A universitária Maria Pontes, de 23 anos, precisou encarar os ares dos novos tempos quando era criança. Ela tinha dois anos quando os pais se divorciaram. O pai foi morar em Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Ela ficou com a mãe e os dois irmãos no Rio de Janeiro.

Cinco anos após a separação, o pai de Maria casou-se novamente com outra mulher e teve mais dois filhos. Na mesma época, a mãe de Maria dava início

a uma nova relação. Ela foi morar com o novo marido, pai de dois filhos.

“Eu tenho seis irmãos, um pai, uma mãe, uma madrasta e um padrasto. Quando era nova, o dia das mães e dos pais era extremamente confuso”, diz brincando.

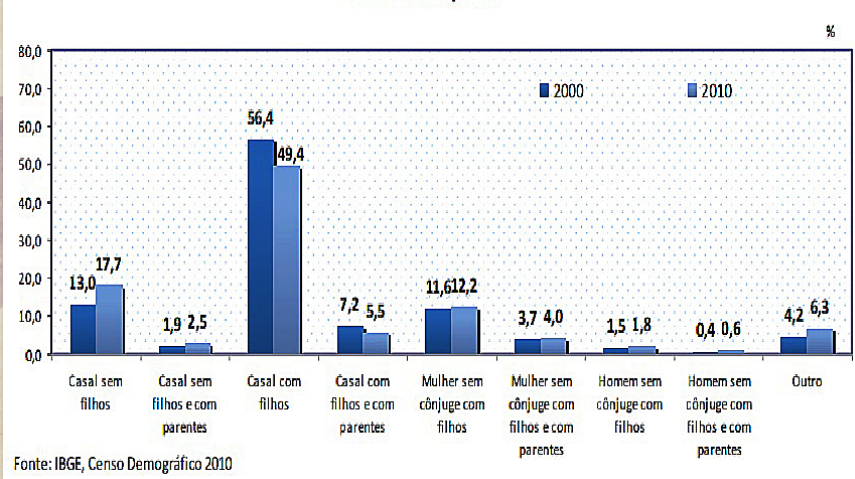
Hoje, Maria ri ao falar sobre a família grande. Quando criança, sofria com a discriminação entre colegas na escola. No dia dos pais, os professores separavam os alunos filhos de casais separados e pais falecidos do resto da turma. A ideia era observar o comportamento e permitir que as crianças compartilhassem experiências. Para Maria, essa divisão a fazia se sentir inferior às outras. Não queria ser vista como uma criança de criação diferente.

“Eu gostava da minha madrasta e do meu padrasto, mas achava tudo confuso. Na época, eu preferiria ter uma família normal, ficava triste, chorava”, diz. Ela sentia falta das reuniões em família, principalmente no Natal. Depois do divórcio dos pais, os encontros diminuíram e os pais passaram a revezar as datas.

O Natal e o Réveillon podem desencadear angústia e depressão. Entre 23 de dezembro e 1º de janeiro cresce em 20% o número de ligações para a ONG Centro de Valorização da Vida. Em média, eles recebem 70 ligações por dia. No fim do ano, o número pode chegar a 90. A maioria é de pessoas que estão sozinhas e se sentem tristes por causa da perda de parentes.

Isso ocorre porque boa par-

Distribuição das famílias únicas e conviventes principais, por tipo
Brasil - 2000/2010



te da população enxerga a estrutura tradicional da família como a mais apropriada, segundo a psicóloga Rosângela Teles. Como mostram as propagandas veiculadas na televisão. A mulher cuida da aparência, filhos, roupa suja e comida. O homem se senta à cabeceira da mesa, comanda a relação e compra carros de grande porte. Enquanto isso, as crianças brincam no quintal. É a família da margarina.

“Vai demorar ainda para nos acostumarmos com a presença dos novos laços”, diz Rosângela. “A nostalgia entra neste contexto como uma idealização do passado. Só lembramos das partes boas, nunca temos um retrato real”.



Fábio estuda na China, mas sente nostalgia da vida em família

As novas gerações

O universitário Fábio Nogueira, de 21 anos, está há oito meses sem ver a família. Em agosto de 2013, foi estudar na China pelo programa Ciência sem Fronteiras. Voltará para casa em 2015. Fábio cursava Ciência da Computação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Agora, faz o curso na universidade Tongji, em Xangai.

Mora num apartamento com outros estudantes brasileiros. Pela manhã, sai de casa para a faculdade e só retorna no fim do dia. Teve que aprender matemática e física em outro idioma. O vocabulário limitado restringia as suas amizades a grupos brasileiros.

“Eu ficava nervoso, queria me expressar melhor, conversar direito. Às vezes dá vontade de falar português mesmo sem nin-

guém entender”, diz. A solidão de Fábio desencadeou a nostalgia. Queria encontrar a família aos domingos. Assistir televisão com o pai e jantar com a irmã e a mãe.

O fuso horário o afastou ainda mais deles. São 11 horas de diferença. Fábio tenta marcar conversas pelo Skype, posta fotos no Facebook, manda emails, mas nada substitui o convívio com os familiares.

Até o final do ano, 100 mil

estudantes sairão do país pelo programa Ciência sem Fronteiras. Além de aprimorar os conhecimentos, ter contato com outras culturas, boa parte dos participantes visa uma vida distante da cidade natal e das famílias.

“Vim para a China para me desafiar. Sempre amei a cultura oriental. Sonho com isso desde criança, mesmo que assim, eu tenha que me distanciar dos meus pais”, diz Fábio. ❁

HIPERLINKS

- Casa de repouso Vila do Sol: <http://www.casaderepousoviladosol.com.br/>
- Ciência sem Fronteiras: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf>
- Pesquisa IBGE: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010435610212012563616217748.pdf>